

**O IMPACTO DO BULLYING NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS
PSIQUIÁTRICOS PEDIÁTRICOS**

THE IMPACT OF BULLYING ON THE DEVELOPMENT OF PEDIATRIC PSYCHIATRIC DISORDERS.

Nívia Larice Rodrigues de Freitas¹

Universidade Nilton Lins- Manaus/ Amazonas

nivialaric@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8274-6150>

Caio César Ferreira²

Centro Universitário Atenas-Paracatu/ Minas Gerais

caioopa@hotmail.com

Charles Fabian de Lima³

Universidade Federal de Jataí- Silvânia/ Goiás

charles_ch_@hotmail.com

Gabriel Carvalho Brito⁴

Universidade Federal da Bahia – IMS-UFBA- Vitória da Conquista/ Bahia

gcbiomedicina@gmail.com

Rafaela Maria da Silva Batista Alonso⁵

Universidade Iguazu- Itaperuna/ Rio de Janeiro

rafaelaalonsopsi@gmail.com

Lucas Mantovani Cardoso⁶

Faculdade de Medicina de Jundiaí- Jundiaí/ São Paulo

lucasmantovanifmj@gmail.com

¹Graduanda de Medicina na Universidade Nilton Lins

²Graduado de Medicina pelo Centro Universitário Atenas

³Graduado de Medicina na Faculdade de Medicina de Jataí

⁴Graduado em Biomedicina pelo Centro Universitário UNIFTC

⁵Graduanda de Medicina na Universidade Iguazu

⁶Graduando de Medicina na Faculdade de Medicina de Jundiaí

RESUMO: A pesquisa analisa o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos infantis e busca fundamentar estratégias de prevenção e promoção da saúde mental, visando políticas públicas eficazes. Esta pesquisa é uma revisão narrativa qualitativa que analisa o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos em crianças. Foram revisados artigos em português e inglês, utilizando bases de dados como SciELO, Google Scholar e PubMed. A pesquisa identificou estudos relevantes sobre a relação entre bullying e transtornos mentais infantis, fornecendo subsídios para intervenções futuras na psiquiatria pediátrica. A pesquisa analisa o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos infantis, como ansiedade, depressão e automutilação. O diagnóstico precoce e a intervenção são essenciais, e o cyberbullying agrava esses problemas ao intensificar o sofrimento emocional. O bullying é um fator de risco para transtornos psiquiátricos em crianças, como ansiedade e depressão. Intervenções precoces e suporte familiar e escolar são essenciais para minimizar os danos.

Palavras-chave: Bullying, Transtornos Mentais e Criança.

ABSTRACT: This research analyzes the impact of bullying on the development of psychiatric disorders in children and aims to support preventive strategies and mental health promotion, contributing to effective public policies. It is a qualitative narrative review that examines the relationship between bullying and the onset of psychiatric disorders in children. Articles in Portuguese and English were reviewed, using databases such as SciELO, Google Scholar, and PubMed. The research identified relevant studies on the link between bullying and childhood mental disorders, providing insights for future interventions in pediatric psychiatry. The study highlights the impact of bullying on the development of psychiatric conditions in children, such as anxiety, depression, and self-harm. Early diagnosis and intervention are crucial, and cyberbullying worsens these issues by intensifying emotional distress. Bullying is a significant risk factor for psychiatric disorders in children, with early interventions and family and school support being essential to minimize the damage.

Keywords: Bullying, Mental Disorders, Child.

INTRODUÇÃO

O bullying, uma manifestação de violência interpessoal sistemática e deliberada, tem se tornado um problema de gravidade crescente no contexto escolar, refletindo um fenômeno com impactos profundos e duradouros no desenvolvimento psíquico de crianças e adolescentes (BEZERRA, 2021; BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023; GOMES et al., 2021). Este comportamento se caracteriza por ações agressivas repetitivas direcionadas a indivíduos que se encontram em uma posição de vulnerabilidade, como crianças e adolescentes, e tem o potencial de acarretar consequências psicológicas severas, afetando profundamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dessas vítimas (BEZERRA, 2021). A recorrência de agressões, sejam elas físicas, verbais ou psicológicas, acaba por provocar danos psicológicos cumulativos, o que aumenta a probabilidade do surgimento de transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade, durante as fases iniciais da vida e até mesmo na fase adulta (BEZERRA, 2021; DA SILVEIRA et al., 2024). Crianças que já possuem predisposição a transtornos neuropsiquiátricos, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), são ainda mais suscetíveis aos efeitos devastadores do bullying, que intensifica a

experiência de vulnerabilidade e agrava as consequências desses transtornos (BEZERRA, 2021; ROLDAN et al., 2022).

A escola, lugar esperado de aprendizado e crescimento, frequentemente se transforma em um espaço de exclusão e sofrimento para as vítimas de bullying (VIDAL et al., 2023). O desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, muitas vezes baseado em características como força física, popularidade ou posição social, impede que a criança ou adolescente afetado consiga reagir adequadamente, o que acentua o impacto psicológico da violência (MARINHO, 2023; KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024). A prática do bullying é especialmente danosa quando envolve a humilhação pública, seja em ambientes presenciais ou digitais, pois isso reforça o sentimento de inferioridade e incapacidade da vítima (MARINHO, 2023). Esses efeitos se manifestam de maneira direta no desempenho acadêmico, com uma queda significativa nas notas e na motivação para o aprendizado, o que pode levar à evasão escolar em casos mais extremos (MACHADO, 2021). Os alunos que vivenciam o bullying tendem a apresentar uma menor capacidade de concentração, sentimento de insegurança constante e perda de interesse em atividades educacionais, evidenciando o quanto esse problema afeta diversas áreas da vida (MACHADO, 2021).

Do ponto de vista psicológico, a literatura tem demonstrado de forma consistente que o bullying está fortemente associado ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (MARINHO, 2023; DA SILVEIRA et al., 2024). Crianças e adolescentes expostos a essa forma de violência são mais propensos a desenvolver depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e transtornos alimentares, frequentemente associados a uma queda significativa na autoestima (MARINHO, 2023). A insegurança vivida pelas vítimas pode se manifestar como um profundo sentimento de inadequação e falta de valor pessoal, o que agrava os sintomas de transtornos psiquiátricos preexistentes ou os desencadeia em indivíduos que possuíam predisposição genética (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022). O bullying pode, inclusive, funcionar como um gatilho para comportamentos autodestrutivos, como automutilação, principalmente em adolescentes, um grupo que, devido às intensas transformações hormonais e emocionais, já é particularmente vulnerável a influências externas negativas (MARINHO, 2023; MORAES et al., 2020). Quando esses adolescentes não encontram apoio adequado, tanto no ambiente escolar quanto familiar, esses comportamentos podem se intensificar, culminando em quadros de depressão severa e ideação suicida, o que torna a intervenção precoce essencial para evitar consequências mais graves (MARINHO, 2023).

A conexão entre o bullying e o surgimento de transtornos psiquiátricos é particularmente visível em crianças e adolescentes que apresentam predisposições genéticas ou já possuem condições psiquiátricas pré-existentes, como o Transtorno Bipolar (TB) ou o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) (ROLDAN et al., 2022; DA SILVEIRA et al., 2024). Esses indivíduos, ao serem submetidos a agressões repetitivas e à exclusão social, podem ver seus sintomas agravados e a eficácia dos tratamentos psiquiátricos diminuída, o que complica ainda mais o manejo desses transtornos (DA SILVEIRA et al., 2024). A intensidade dos sintomas psiquiátricos parece ser proporcional ao tempo de exposição ao bullying, com maior prevalência de casos graves em crianças que sofrem agressões por longos períodos sem receber suporte emocional e psicológico adequado (CONCEIÇÃO, 2024). O apoio familiar, nesse sentido, é um fator crucial na recuperação da vítima, mas, infelizmente, em muitos contextos, os pais e cuidadores não estão preparados para lidar com a dimensão emocional do bullying, o que pode resultar em respostas inadequadas, como punições ou minimização dos efeitos sofridos pela criança (CONCEIÇÃO, 2024). Essa falta de compreensão pode não apenas perpetuar o sofrimento, mas também contribuir para a internalização do estigma pela própria vítima, que passa a ver o bullying como uma condição imutável em sua vida (CONCEIÇÃO, 2024).

Além dos danos psicológicos evidentes, o bullying também tem implicações para a saúde física, sendo frequentemente relacionado ao desenvolvimento de sintomas psicossomáticos (MACHADO, 2021). Crianças e adolescentes que vivenciam essa forma de violência podem apresentar dores de cabeça, distúrbios gastrointestinais, fadiga crônica e alterações no padrão de sono (PAZINI et al., 2024). Esses sintomas, embora muitas vezes subestimados, refletem o profundo impacto emocional que o bullying exerce sobre a saúde global da criança e podem ser precursores de doenças mais graves na vida adulta, como hipertensão e distúrbios metabólicos (MACHADO, 2021). Pesquisas também sugerem que o estresse crônico causado por experiências de violência interpessoal pode alterar os níveis hormonais e enfraquecer o sistema imunológico, predispondo a vítima ao desenvolvimento de doenças crônicas e transtornos psiquiátricos ao longo da vida (PAZINI et al., 2024).

No Brasil, o bullying escolar é apenas uma das muitas formas de violência que afetam crianças e adolescentes, fazendo parte de um problema maior de saúde pública que inclui violência doméstica, abuso e negligência (GOMES et al., 2021). Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos revelam que, em 2019, mais de 86.837 denúncias de violência contra essa população foram registradas, com destaque para a negligência e a violência psicológica e física (GOMES et al., 2021). Essa realidade evidencia a necessidade urgente de políticas públicas eficazes voltadas para a

proteção das crianças e adolescentes, com o intuito de prevenir tanto as formas explícitas de violência quanto os efeitos psicológicos silenciosos, mas devastadores, do bullying (GOMES et al., 2021). Tais políticas devem incluir programas educacionais focados em conscientizar tanto os estudantes quanto os educadores sobre os efeitos do bullying e promover um ambiente escolar inclusivo e seguro (GOMES et al., 2021).

O impacto da pandemia de COVID-19 exacerbou os desafios relacionados à saúde mental de crianças e adolescentes, pois o isolamento social e a interrupção das rotinas escolares criaram um cenário de insegurança emocional que contribuiu para o aumento dos casos de ansiedade, depressão e outros transtornos psiquiátricos (PAZINI et al., 2024). A falta de interações presenciais e a dificuldade de adaptação ao ensino remoto tornaram-se fatores que aumentaram a solidão e a sensação de desconexão, afetando diretamente o bem-estar emocional dos estudantes (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022). Durante esse período, o bullying virtual, conhecido como cyberbullying, também se intensificou, com agressões realizadas através de plataformas digitais, gerando novos desafios para o enfrentamento da violência interpessoal no ambiente escolar (PAZINI et al., 2024). Esse cenário evidencia a importância de políticas preventivas que levem em consideração o contexto digital e os novos desafios impostos pela pandemia (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022).

05

A adolescência, por si só, é uma fase crítica do desenvolvimento humano, marcada por mudanças biológicas, emocionais e sociais intensas. De acordo com Erik Erikson, o processo de formação da identidade está diretamente ligado às interações sociais e ao ambiente ao redor, sendo profundamente influenciado por experiências positivas e negativas (MORAES et al., 2020). Nesse sentido, o bullying pode comprometer gravemente esse processo de formação, levando a dificuldades no relacionamento interpessoal, insegurança e, em muitos casos, à adoção de comportamentos de risco (MORAES et al., 2020). A falta de uma identidade sólida pode ter impactos duradouros na vida adulta, afetando as escolhas pessoais e profissionais e dificultando o estabelecimento de relações afetuosas e saudáveis ao longo da vida (VIDAL et al., 2023; BEZERRA, 2021). Esse impacto se reflete na formação de uma personalidade mais vulnerável, com baixa autoestima, insegurança e uma tendência à retração social, que se perpetua na vida adulta, dificultando o enfrentamento de novos desafios e a construção de uma identidade positiva (BEZERRA, 2021; MONTEIRO et al., 2023). A longo prazo, as vítimas de bullying podem apresentar dificuldades em lidar com críticas, rejeições e conflitos interpessoais, pois sua vivência de exclusão e agressão no ambiente escolar molda sua visão sobre as relações humanas, levando-as a desenvolver comportamentos evitativos e autodepreciativos (CONCEIÇÃO, 2024).

Além disso, há evidências de que as vítimas de bullying têm uma maior probabilidade de desenvolver transtornos de personalidade, como o transtorno de personalidade evitativa ou dependente, que dificultam ainda mais sua capacidade de se relacionar de forma saudável com os outros e de assumir um papel assertivo em suas interações sociais (MARINHO, 2023; DA SILVEIRA et al., 2024). Em muitos casos, o bullying pode resultar em uma internalização das agressões sofridas, levando a sentimentos de culpa e vergonha que se manifestam em comportamentos autodestrutivos ou em uma percepção distorcida de si mesmo, com uma tendência a se submeter a situações abusivas ou desrespeitosas em contextos futuros (ROLDAN et al., 2022; CONCEIÇÃO, 2024).

No âmbito educacional, o bullying não apenas prejudica a saúde mental das vítimas, como também tem implicações significativas no desempenho acadêmico e no engajamento escolar. Pesquisas indicam que crianças e adolescentes que sofrem bullying frequentemente apresentam maiores taxas de faltas escolares, redução na motivação para o aprendizado e uma dificuldade maior em se concentrar durante as atividades acadêmicas (MACHADO, 2021; BEZERRA, 2021). Essa realidade está relacionada à carga emocional que essas vítimas carregam, o que muitas vezes resulta em sintomas físicos, como dores de cabeça, dores de estômago e fadiga, que dificultam sua participação plena nas atividades escolares (MARINHO, 2023; GOMES et al., 2021).

06

A evasão escolar, em particular, é uma das consequências mais graves e duradouras do bullying, principalmente quando a escola não oferece um ambiente seguro e acolhedor, ou quando as medidas tomadas para proteger as vítimas são ineficazes (MACHADO, 2021; VIDAL et al., 2023). Em muitos casos, a saída da escola se torna a única solução para as vítimas que não encontram apoio e compreensão, levando-as a interromper seu percurso educacional e, conseqüentemente, limitando suas oportunidades futuras de desenvolvimento profissional e social (KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024). A interrupção precoce dos estudos gera um ciclo de vulnerabilidade, onde as vítimas de bullying, já afetadas emocionalmente, têm ainda mais dificuldade de encontrar oportunidades de inserção no mercado de trabalho, perpetuando as consequências do bullying na vida adulta (ROLDAN et al., 2022; BEZERRA, 2021).

As consequências para a saúde física também não devem ser negligenciadas, pois, além dos sintomas psicossomáticos, o estresse crônico gerado pelo bullying pode desencadear problemas de saúde mais sérios, como hipertensão, problemas cardíacos e doenças gastrointestinais (MACHADO, 2021; PAZINI et al., 2024). Estudos demonstram que o impacto emocional do bullying pode se manifestar em condições físicas que acompanham as vítimas ao longo da vida, resultando em uma

saúde debilitada, especialmente quando não há intervenções eficazes durante a infância e a adolescência (MARINHO, 2023; CONCEIÇÃO, 2024).

Outro fator importante a ser considerado é a influência do bullying no aumento da violência nas escolas. Quando o bullying se torna uma prática recorrente e sem controle, ele não apenas afeta as vítimas diretamente envolvidas, mas também cria um ambiente hostil e de medo para todos os alunos (MACHADO, 2021; GOMES et al., 2021). As escolas que não conseguem lidar adequadamente com os casos de bullying acabam permitindo a criação de uma cultura de violência, onde comportamentos agressivos se normalizam e a sensação de insegurança se espalha entre os estudantes (KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024; VIDAL et al., 2023).

Nesse contexto, os observadores – aqueles que presenciam o bullying, mas não estão diretamente envolvidos como agressores ou vítimas – também são impactados, sentindo-se impotentes diante da violência e temendo se tornarem as próximas vítimas (BEZERRA, 2021; MONTEIRO et al., 2023). O medo generalizado compromete a qualidade das relações interpessoais dentro do ambiente escolar e, por fim, afeta o desenvolvimento emocional e social de todos os estudantes, independentemente de sua participação direta nos episódios de bullying (CONCEIÇÃO, 2024).

A implementação de políticas de tolerância zero ao bullying, associada à promoção de programas de conscientização sobre o tema, tem se mostrado uma das estratégias mais eficazes para criar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo (MARINHO, 2023). Tais políticas devem incluir a capacitação de educadores para identificar e intervir em situações de bullying, bem como promover a empatia e a solidariedade entre os alunos (GOMES et al., 2021). Além disso, é essencial envolver os pais e a comunidade no processo de prevenção, garantindo que todos estejam cientes dos efeitos do bullying e da importância de um ambiente escolar acolhedor (VIDAL et al., 2023).

A criação de espaços de diálogo e apoio emocional nas escolas é igualmente crucial. Programas de escuta ativa e aconselhamento podem fornecer um suporte essencial para as vítimas de bullying, ajudando-as a desenvolver habilidades de enfrentamento e promovendo uma cultura de respeito e inclusão (PAZINI et al., 2024). A formação de grupos de apoio e a realização de atividades que incentivem a cooperação e a solidariedade entre os alunos podem contribuir significativamente para a redução do bullying e suas consequências (MARINHO, 2023; GOMES et al., 2021).

Por fim, é imprescindível que as escolas adotem uma abordagem abrangente que aborde não apenas os comportamentos de bullying, mas também as causas subjacentes, como a desigualdade social e a falta de empatia. A promoção de um ambiente escolar positivo, que valorize a diversidade

e a inclusão, é fundamental para prevenir o bullying e seus impactos devastadores na vida de crianças e adolescentes (CONCEIÇÃO, 2024). A conscientização sobre o bullying deve ser um esforço conjunto que envolva educadores, alunos, pais e a comunidade, com o objetivo de criar um ambiente mais seguro e saudável para todos. O motivo dessa pesquisa é justificado pela crescente incidência de casos que evidenciam a associação direta entre o bullying e o surgimento de transtornos mentais em crianças e adolescentes. A influência negativa do bullying no ambiente escolar e digital, bem como sua capacidade de desencadear problemas como ansiedade, depressão, automutilação e até ideação suicida, torna imperativa a compreensão aprofundada dessa problemática. A necessidade de uma abordagem multidisciplinar, que envolva educadores, profissionais de saúde mental, famílias e políticas públicas, destaca a importância de explorar e consolidar estudos sobre esse tema, visando a criação de estratégias eficazes de intervenção e prevenção. Portanto, o presente estudo é essencial para ampliar a discussão sobre os impactos do bullying na saúde mental infanto-juvenil e fornecer subsídios para a implementação de práticas que promovam um desenvolvimento psicossocial saudável e a redução dos riscos associados a esse fenômeno.

O objetivo desta pesquisa é analisar de forma abrangente o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos, identificando os principais transtornos associados a essa forma de violência, como depressão, ansiedade, automutilação e ideação suicida. Além disso, pretende-se compreender como fatores como o ambiente escolar, digital e familiar influenciam na intensificação ou na prevenção desses transtornos. Ao analisar as múltiplas dimensões dessa problemática, a pesquisa busca fornecer uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias multidisciplinares que visem a prevenção do bullying e a promoção da saúde mental de crianças e adolescentes, contribuindo para a elaboração de políticas públicas e intervenções efetivas que minimizem os impactos negativos do bullying na formação psicossocial dessa população.

MÉTODOS

A presente pesquisa consiste em uma revisão narrativa qualitativa da literatura sobre o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos em crianças. Para conduzir o estudo, foram utilizados os descritores "Bullying", "Transtornos Mentais" e "Criança". Visando identificar e analisar estudos relevantes que abordassem a relação entre essas variáveis, considerando a importância de compreender o efeito do bullying na saúde mental infantil.

A pesquisa teve início com a formulação de uma pergunta norteadora: "Qual o impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos em crianças?". A busca foi realizada entre

janeiro de 2024 e setembro de 2024, utilizando descritores específicos e relacionados ao tema, como definições e implicações do bullying e suas consequências para a saúde mental infantil. As bases de dados consultadas incluíram SciELO, Google Scholar e PubMed, com os termos de busca: "Bullying", "Transtornos Mentais", "Criança".

Os critérios de inclusão foram artigos em língua portuguesa ou inglesa que apresentavam análises sobre a relação entre bullying e transtornos psiquiátricos em crianças. Foram excluídos estudos que não atendiam aos critérios de inclusão ou apresentavam metodologia frágil. Após a seleção dos estudos, foram utilizadas quinze referências, sendo descartados aqueles que não estavam alinhados com o objetivo da pesquisa, por não fornecerem evidências significativas sobre a correlação entre bullying e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos em crianças.

A revisão narrativa qualitativa permitiu a identificação de estudos consistentes sobre o tema, destacando a relevância de investigar a influência do bullying na saúde mental de crianças e oferecendo subsídios para futuras intervenções no campo da psiquiatria pediátrica.

RESULTADOS

O impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos é uma temática de crescente relevância dentro da saúde mental infanto-juvenil, considerando as consequências a curto e longo prazo que essa forma de violência interpessoal pode provocar no desenvolvimento psicológico e social das crianças e adolescentes (BEZERRA, 2021). A exposição ao bullying pode resultar em diversos transtornos psiquiátricos, como ansiedade, depressão e transtornos de conduta, sendo fundamental identificar esses sinais precocemente para prevenir o agravamento do quadro clínico (KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024). A literatura científica enfatiza que o diagnóstico precoce e a intervenção oportuna em crianças e adolescentes que apresentam sinais de risco para transtornos psiquiátricos são essenciais para promover um desenvolvimento psicossocial saudável e para evitar que os sintomas se tornem mais graves com o tempo (BEZERRA, 2021).

No Brasil, a relevância desse tema tem sido abordada por meio de políticas públicas que visam a prevenção e o tratamento de transtornos psiquiátricos na infância e adolescência (BEZERRA, 2021). Um exemplo é o Marco Legal da Primeira Infância, que estabelece a obrigatoriedade de estratégias preventivas aplicadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para a identificação precoce e o tratamento de crianças em risco de desenvolver transtornos mentais (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023). Essas políticas buscam não apenas garantir o acompanhamento pediátrico adequado, mas também promover um desenvolvimento psíquico

integral, diminuindo os riscos associados ao bullying e suas potenciais consequências psiquiátricas (BEZERRA, 2021).

A atuação integrada dos profissionais da saúde e da educação no processo de identificação e intervenção é crucial para garantir suporte adequado às crianças que sofrem bullying, prevenindo o surgimento de transtornos psiquiátricos e promovendo a saúde mental (MORAES et al., 2020). Nesse contexto, intervenções voltadas ao treinamento de habilidades sociais têm se mostrado estratégias eficazes para capacitação intelectual e emocional de crianças, especialmente aquelas com Transtornos do Espectro Autista (TEA), auxiliando na melhoria da interação social, autoconfiança e controle sobre suas vidas sociais (BEZERRA, 2021). Essas práticas contribuem para o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento ao bullying, além de desempenharem um papel fundamental na prevenção de transtornos mentais, isolamento social e abstenção escolar (BEZERRA, 2021). É importante ressaltar que o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos relacionados ao bullying pode ser exacerbado por fatores no ambiente familiar e social, como ocorre nos casos de dermatite atópica, onde o preconceito e a estigmatização aumentam o absenteísmo escolar e o afastamento de atividades sociais e recreativas (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023).

As crianças que vivenciam situações de bullying são mais vulneráveis a desenvolver problemas emocionais, incluindo distúrbios do sono, pensamentos negativos e dificuldades de aprendizagem, fatores que afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo e a socialização (MONTEIRO et al., 2023). Essas experiências negativas podem impactar a autoestima e a capacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis, tornando o processo de socialização mais desafiador para a criança (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023). Além disso, a exposição prolongada ao bullying interfere não apenas na saúde mental da criança, mas também pode agravar os problemas familiares, resultando em um estresse psicológico significativo para os cuidadores, o que, por sua vez, gera um ambiente de insegurança e instabilidade emocional (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023).

A integração de práticas que envolvem a prevenção e a atenção às questões emocionais é fundamental para minimizar os impactos do bullying e promover um desenvolvimento psicossocial saudável (ALVES et al., 2022). Intervenções que focam em doenças dermatológicas crônicas, por exemplo, têm demonstrado resultados positivos na redução dos sintomas psiquiátricos decorrentes da estigmatização e do bullying, indicando a relevância de uma abordagem interdisciplinar no manejo das consequências desse fenômeno (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023). Isso evidencia a necessidade de uma atenção especial a essas questões por parte de profissionais de

saúde, educadores e familiares para garantir que crianças expostas ao bullying recebam o suporte adequado para superar esses desafios (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022).

O bullying na infância está associado a alterações neurofisiológicas que afetam negativamente o sistema límbico e a memória, o que contribui para uma maior suscetibilidade a transtornos emocionais e comportamentais (DA SILVEIRA et al., 2024). Esses efeitos podem impactar profundamente o desenvolvimento cerebral, tornando as crianças mais vulneráveis a problemas de saúde mental no longo prazo (ROLDAN et al., 2022; DA SILVEIRA et al., 2024). Estudos demonstram que crianças e adolescentes expostos ao bullying apresentam um risco duas a quatro vezes maior de desenvolver fenômenos psicóticos, assim como maior propensão a tendências suicidas, episódios de mania e sintomas depressivos, reforçando a necessidade de uma atenção especial a esses casos (CONCEIÇÃO, 2024).

Além disso, a experiência de bullying pode levar ao desenvolvimento de transtornos alimentares e dificuldades na regulação de impulsos, afetando de maneira significativa o bem-estar psicológico e social das crianças (DA SILVEIRA et al., 2024). É importante destacar que os efeitos do bullying não se limitam ao indivíduo, mas também impactam o ambiente familiar, gerando estresse psicológico adicional para os cuidadores e alterando a dinâmica familiar (CONCEIÇÃO, 2024). As consequências dessas experiências traumáticas são ainda mais evidentes em crianças que já possuem predisposição para transtornos psiquiátricos, o que torna o controle e o manejo desses sintomas mais complexos e exige intervenções multidimensionais para um tratamento eficaz (DA SILVEIRA et al., 2024).

Além disso, o bullying pode impactar de maneira significativa o desenvolvimento de transtornos de ansiedade e humor, como a depressão, em comparação com a população pediátrica em geral (VIDAL et al., 2023). A experiência de humilhação, rejeição e isolamento social afeta diretamente a autoestima e a capacidade de interação social, prejudicando o desempenho escolar e a construção de relacionamentos saudáveis (CONCEIÇÃO, 2024). Essas interferências ocorrem durante um período crítico do desenvolvimento, no qual as experiências vividas moldam a personalidade e a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo ao seu redor (VIDAL et al., 2023). O bullying exerce um impacto negativo na integridade emocional e corporal das crianças, ameaçando sua capacidade de adquirir habilidades essenciais para o aprendizado e a participação ativa na sociedade (CONCEIÇÃO, 2024).

No contexto familiar, a relação entre cuidadores e crianças que sofrem bullying é um aspecto fundamental a ser considerado, já que a impaciência e a falta de compreensão dos pais em relação às necessidades da criança podem levar ao uso de estratégias punitivas inadequadas

(BEZERRA, 2021; BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023; GOMES et al., 2021). Em particular, crianças que enfrentam condições de saúde crônicas, como Distúrbios do Trato Urinário Inferior (DTUI), são mais vulneráveis ao isolamento social e à estigmatização, o que agrava seu estado emocional e aumenta significativamente o risco de bullying (CONCEIÇÃO, 2024). Nessas situações, a falta de empatia dos cuidadores e a interpretação equivocada dos comportamentos da criança como intencionais podem resultar na adoção de práticas punitivas, intensificando o sofrimento e a ansiedade, ao invés de proporcionar o apoio necessário para que a criança enfrente os desafios decorrentes do bullying (MORAES et al., 2020).

Além disso, o ambiente escolar, que é o local onde o bullying tende a ser mais prevalente e impactante, torna-se um espaço de vulnerabilidade para essas crianças, podendo desencadear uma série de transtornos psiquiátricos (DE OLIVEIRA AQUINO et al., 2021). O impacto negativo do bullying nesse ambiente não apenas afeta o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, mas também pode influenciar o surgimento de problemas como ansiedade, depressão e comportamentos transgressores na vida adulta (DE OLIVEIRA AQUINO et al., 2021). Dessa forma, tanto o ambiente familiar quanto o escolar desempenham papéis cruciais na maneira como a criança lida com o bullying e suas consequências a longo prazo.

O desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos relacionados ao bullying também é influenciado por fatores emocionais, contextuais e sociais, que desempenham um papel significativo na saúde mental dos adolescentes, levando-os a comportamentos prejudiciais, como a automutilação (MORAES et al., 2020). A automutilação é um fenômeno complexo que, embora ocorra em diferentes faixas etárias, tem prevalência mais alta entre adolescentes, muitas vezes iniciando entre 13 e 14 anos (MARINHO, 2023; GOMES et al., 2021). O bullying é identificado como um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos, incluindo a automutilação e a depressão (MORAES et al., 2020). A exposição a essa violência no ambiente escolar provoca sentimentos de tristeza, raiva, rejeição e solidão, que podem intensificar-se e desencadear comportamentos autodestrutivos como forma de lidar com a dor emocional (MORAES et al., 2020).

Nesse sentido, a incapacidade de expressar verbalmente as emoções e a falta de espaços adequados para discussões sobre violência e saúde mental agravam a vulnerabilidade dos adolescentes, tornando a automutilação um mecanismo comum de enfrentamento dessas situações (MARINHO, 2023; GOMES et al., 2021). A ausência de apoio e de canais de comunicação eficazes faz com que muitos jovens recorram à automutilação como uma forma de lidar com o sofrimento emocional, o que evidencia a necessidade de intervenções que promovam o desenvolvimento de

habilidades emocionais e a criação de ambientes seguros para a expressão desses sentimentos (MORAES et al., 2020). Além disso, o bullying tem sido amplamente reconhecido como um fator de risco significativo para o comportamento suicida em jovens, especialmente quando está associado ao uso frequente de redes sociais (ALVES et al., 2022). As interações negativas e a amplificação de comportamentos autodestrutivos em ambientes online podem intensificar os efeitos do bullying, criando um ciclo de violência e sofrimento que aumenta o risco de suicídio entre os adolescentes (ALVES et al., 2022).

As intervenções que objetivam a redução do bullying e a mitigação de seus impactos no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos devem ser fundamentadas em abordagens multidimensionais e interdisciplinares, envolvendo tanto a comunidade escolar quanto as famílias e os profissionais de saúde mental (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022). A implementação de programas educativos focados em habilidades sociais e emocionais nas escolas tem demonstrado eficácia na promoção de um ambiente mais acolhedor e na redução da frequência e severidade dos episódios de bullying (ALVES et al., 2022). Tais programas incluem atividades de conscientização sobre o impacto do bullying, oficinas de resolução de conflitos e treinamentos para educadores, com vistas a promover uma cultura de respeito e empatia entre os estudantes (ALVES et al., 2022).

Além disso, o envolvimento ativo dos pais e cuidadores nos processos de identificação e intervenção é essencial para um manejo eficaz das situações de bullying e para a prevenção de transtornos psiquiátricos pediátricos (BEZERRA, 2021). A literatura aponta que a comunicação aberta e o suporte emocional fornecido pelos pais são fatores protetores importantes, que ajudam a reduzir o risco de desenvolvimento de distúrbios mentais associados ao bullying (MORAES et al., 2020). No entanto, a falta de preparo dos pais para lidar com o sofrimento emocional dos filhos e a tendência de minimizar ou ignorar as queixas de bullying são barreiras que dificultam a implementação de estratégias eficazes (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023). Dessa forma, o treinamento parental e o acesso a serviços de apoio psicológico tornam-se componentes essenciais das políticas de intervenção e prevenção (MONTEIRO et al., 2023; ALVES et al., 2022).

Outro aspecto relevante a ser considerado é o papel do ambiente digital na amplificação dos efeitos do bullying e na facilitação do desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos (MARINHO, 2023; KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024). O cyberbullying, que ocorre por meio de plataformas digitais, tende a ser mais persistente e intrusivo, pois não se limita ao horário escolar e pode acontecer a qualquer momento, alcançando a vítima em diferentes espaços de sua vida (BRAGA, BRAGA, SATURNINO, 2023). Além disso, a capacidade de disseminar o

conteúdo ofensivo para um público muito maior em comparação com o bullying tradicional faz com que o impacto emocional e psicológico seja ainda mais profundo e duradouro (PAZINI et al., 2024).

Adolescentes que sofrem cyberbullying apresentam níveis mais elevados de ansiedade, depressão e ideação suicida, principalmente quando há exposição prolongada a comentários depreciativos e humilhações em redes sociais (MARINHO, 2023; KOZAK, OLIVEIRA, DE SOUZA SILVEIRA, 2024). Isso ocorre devido ao caráter de permanência das informações na internet, que dificulta a superação dos traumas e perpetua os sentimentos de vergonha e rejeição (PAZINI et al., 2024). A impossibilidade de escapar dessa forma de violência digital cria um ciclo contínuo de sofrimento, tornando o cyberbullying um fator ainda mais ameaçador para a saúde mental dos jovens (MACHADO, 2021; VIDAL et al., 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do impacto do bullying no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos destaca a importância de uma abordagem integrada e multidimensional para lidar com esse fenômeno, que tem efeitos devastadores na saúde mental infanto-juvenil. O bullying, com sua natureza repetitiva e intencional, é um fenômeno que gera sofrimento intenso e pode ser um dos principais fatores desencadeantes para o surgimento de diversos transtornos psiquiátricos, como ansiedade, depressão, automutilação, transtornos alimentares e até ideação suicida.

Essas experiências negativas, além de causarem dor emocional, impactam diretamente a capacidade das crianças e adolescentes de desenvolverem um senso de identidade saudável e autoconfiança, prejudicando sua capacidade de interação social, seu rendimento escolar e sua autoestima, muitas vezes levando a consequências que se estendem até a vida adulta. Dessa forma, o bullying é mais do que um problema comportamental, sendo uma questão de saúde pública que exige atenção urgente e estratégias efetivas para prevenção e intervenção precoce.

Além disso, o bullying interfere não apenas no bem-estar psicológico do indivíduo, mas também no seu desenvolvimento cognitivo e social, resultando em consequências de longo prazo que podem persistir na vida adulta, afetando as relações interpessoais e a capacidade de lidar com desafios e situações de estresse. Nesse contexto, a prevenção e a intervenção precoce são fundamentais para reduzir o risco de agravamento dos sintomas e promover a resiliência emocional das vítimas, proporcionando-lhes ferramentas que as ajudem a enfrentar e superar os efeitos negativos do bullying. É necessário, portanto, que a sociedade como um todo compreenda a gravidade do bullying e esteja empenhada em construir ambientes de apoio que promovam o bem-estar psicológico e social dos jovens.

A criação de políticas públicas e programas educativos que visam prevenir e combater o bullying, bem como identificar precocemente os sinais de transtornos psiquiátricos nas crianças e adolescentes, desempenham um papel crucial na promoção de um ambiente seguro e acolhedor para os jovens. Esses programas devem ser elaborados de forma a englobar ações nas escolas, na comunidade e no ambiente familiar, visando educar e conscientizar sobre o impacto negativo do bullying e a importância de fomentar atitudes de respeito e empatia.

O Marco Legal da Primeira Infância, por exemplo, reforça a necessidade de implementar estratégias preventivas e intervenções de saúde mental no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo que crianças em risco de desenvolver transtornos mentais recebam o acompanhamento e suporte necessários. Essa abordagem é essencial para minimizar os danos causados pelo bullying e para promover o desenvolvimento psicossocial saudável das crianças, especialmente daquelas mais vulneráveis, como as que apresentam condições crônicas de saúde, deficiências ou pertencem a grupos minoritários que sofrem discriminação.

Além disso, o papel dos educadores e profissionais de saúde é vital na identificação e intervenção nas situações de bullying, proporcionando um ambiente que favoreça o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. A capacitação desses profissionais é crucial para que saibam identificar os sinais de bullying e atuar de forma preventiva e interventiva, oferecendo suporte tanto às vítimas quanto aos agressores, que muitas vezes também precisam de apoio para compreender e modificar seu comportamento.

Intervenções voltadas ao treinamento de habilidades sociais, por exemplo, têm demonstrado eficácia na capacitação emocional das crianças, permitindo que desenvolvam estratégias de enfrentamento ao bullying e reduzindo o risco de desenvolver transtornos psiquiátricos. Tais ações são particularmente importantes para crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) ou condições dermatológicas crônicas, que, devido à estigmatização, são mais suscetíveis ao bullying e ao isolamento social, necessitando de atenção e suporte redobrados.

A influência do ambiente digital no agravamento do bullying e no aumento dos riscos de transtornos psiquiátricos pediátricos não pode ser subestimada. O cyberbullying, caracterizado por sua persistência e capacidade de atingir um público amplo, intensifica o sofrimento emocional dos jovens, aumentando os níveis de ansiedade, depressão e ideação suicida. A exposição contínua à violência digital e à humilhação online pode causar um profundo impacto na autoestima e no senso de segurança dos adolescentes, levando a sentimentos de desamparo e desesperança.

A permanência das informações na internet dificulta a superação do trauma e perpetua os sentimentos de vergonha e rejeição, tornando o bullying digital uma ameaça ainda maior à saúde

mental dos adolescentes. Assim, é essencial que intervenções contemplem o desenvolvimento de práticas que auxiliem os jovens a lidar com a violência digital e promover ambientes online mais seguros e saudáveis, envolvendo pais, educadores e até mesmo empresas de tecnologia na criação de espaços virtuais mais responsáveis e empáticos.

No âmbito familiar, a compreensão e o apoio dos cuidadores são componentes críticos na prevenção e no enfrentamento do bullying e de seus impactos psicológicos. Famílias que oferecem um ambiente acolhedor, aberto ao diálogo e ao compartilhamento de experiências contribuem para o desenvolvimento de crianças e adolescentes mais resilientes e capazes de lidar com situações adversas. Quando os pais e responsáveis oferecem um ambiente acolhedor e se envolvem ativamente na vida das crianças, são capazes de identificar sinais de sofrimento e intervir de maneira eficaz, construindo um espaço seguro para que a criança se sinta compreendida e apoiada.

No entanto, a impaciência ou a interpretação equivocada dos comportamentos da criança como intencionais podem intensificar o sofrimento e a ansiedade, especialmente em crianças que enfrentam condições de saúde crônicas, como Distúrbios do Trato Urinário Inferior (DTUI). Portanto, o envolvimento dos pais em programas de treinamento e o acesso a serviços de apoio psicológico são essenciais para garantir que as crianças recebam o suporte necessário para superar os efeitos do bullying e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes.

16

Dessa forma, o bullying representa um problema complexo e multifacetado que requer a colaboração de todos os setores da sociedade, incluindo famílias, escolas, profissionais de saúde, autoridades públicas e empresas do setor tecnológico. A implementação de intervenções preventivas e de tratamento precoce, a promoção de ambientes escolares inclusivos e acolhedores, bem como o fortalecimento das redes de apoio familiar e comunitária, são fundamentais para combater os efeitos negativos do bullying e prevenir o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos pediátricos.

Além disso, é crucial que se desenvolvam estratégias que abordem o bullying no ambiente digital, visto que o cyberbullying é uma ameaça crescente que demanda respostas efetivas e adaptadas à realidade dos jovens. É igualmente importante promover campanhas de conscientização que incentivem a empatia, o respeito e a inclusão, contribuindo para a construção de uma cultura que rejeite o bullying e valorize a diversidade. Dessa forma, a sociedade como um todo deve se comprometer com a criação de um ambiente seguro e acolhedor, onde crianças e adolescentes possam crescer e se desenvolver de maneira saudável, livres do impacto devastador do bullying e com a oportunidade de se tornarem adultos mais resilientes, confiantes e emocionalmente saudáveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Wany Luciana da Silva et al. **A prevenção do suicídio no ambiente escolar**. 2022.
- BEZERRA, Thais Aguiar. A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS. **Repositório Institucional do Unifip**, v. 6, n. 1, 2021.
- BRAGA, Stéfany Gonçalves; BRAGA, Vitor Emanuel Gonçalves; SATURNINO, Alanna Simão Gomes. Dermatite atópica: uma revisão dos seus impactos na qualidade de vida de pacientes pediátricos. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 1, p. 783-793, 2023.
- CONCEIÇÃO, Nátalin Oliveira da Costa. **Punição parental em crianças com distúrbios miccionais**. 2024.
- DA SILVEIRA, Pedro Riet Correa et al. Esquizofrenia na infância e o desenvolvimento de sintomas depressivos: avaliação e intervenção precoce. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 6, p. e7749-e7749, 2024.
- DE OLIVEIRA AQUINO, Erick Verner et al. Fatores socioeconômicos e saúde de crianças em contexto de violência. **Aletheia**, v. 54, n. 1, 2021.
- GOMES, Nadjane Rebouças et al. **Associação entre violência familiar, fatores sociodemográficos, clínicos, comportamentais e transtorno mental comum em adolescentes escolares**. 2021.
- KOZAK, Lamys Fernandes; OLIVEIRA, Lorena Luiza Fernandes; DE SOUZA SILVEIRA, Lizete Conceição. Perspectiva atual do transtorno alimentar restritivo/evitativo em crianças. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e68888-e68888, 2024.
- MACHADO, Afonso de Almeida Tété. **Psicodermatoses**. 2021.
- MARINHO, Carolina Chacra Carvalho. **Associação entre transtorno da compulsão alimentar e ansiedade em adolescentes: revisão sistemática e metanálise**. 2023.
- MONTEIRO, Deise da Silva et al. **Fatores associados à ideação suicida em adolescentes escolares com transtorno mental comum**. 2023.
- MORAES, Danielle Xavier et al. “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. e20200578, 2020.
- PAZINI, Heloísa Martendal et al. Avaliação de sintomas de ansiedade em escolares durante a pandemia em uma unidade básica de saúde no município de Cascavel, Paraná. **Revista Thêma et Scientia**, v. 14, n. 1, p. 192-213, 2024.
- ROLDAN, Mariane Menezes et al. **Aprendizagem auditivo-verbal e aspectos afetivo-emocionais encobertos pelo diagnóstico de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): estudo de caso clínico**. 2022.
- VIDAL, Linácia Freitas et al. Lesão psoriásica estigmatizante em paciente pediátrico: relato de caso. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 10, p. 5527-5536, 2023.